

REINCIDÊNCIA DE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Zenilda Vieira Bruno¹
Ivany Queiroz de Moraes²
Maria de Fátima Bezerra³
Rita Maria Cavalcante Brasil⁴
Patrícia E. Bailey⁵
Zenilce Vieira Bruno⁶

RESUMO

Objetivo: Avaliar incidência e fatores relevantes na reincidência da gravidez na adolescência.

Metodologia: Estudo realizado com 187 adolescentes grávidas atendidas e acompanhadas por cinco anos no Serviço de Adolescentes da MEAC/UFC. Foram analisados: fatores relevantes para a repetição da gravidez.

Resultados: Verificou-se que 61% engravidaram nos cinco anos seguintes ao primeiro parto. Não foram fatores protetores: idade, estudar, trabalhar, ou morar com os pais. Entretanto, quando as adolescentes tinham oito anos ou menos de escolaridade o risco de engravidar quase duplicou ($RR = 1,89$). Engravidaram mais as solteiras sem companheiro estável e aquelas que mudaram de parceiro ($RR = 1,4$).

Conclusão: Fatores de risco para recidiva de gravidez: baixa escolaridade, mudança de parceiros e uniões não estáveis.

Palavras-chaves: Adolescente; Gravidez; Sexualidade; Contracepção; Educação sexual.

¹ Profª de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina (FM) da UFC. Coordenadora do Serviço de Adolescentes da MEAC – UFC – zenildabruno@hotmail.com

² Psicóloga do Serviço de Adolescentes da MEAC – UFC.

³ Enfermeira do Serviço de Adolescentes da MEAC – UFC.

⁴ Professora de Pediatra da FM da UFC. Coordenadora da Especialização em Adolescência da UFC.

⁵ Family Health International.

⁶ Psicóloga, Terapeuta Sexual, Profª do Curso de Especialização em Adolescência da UFC. Diretora de Relacionamentos com Associados da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana – zenilcebruno@uol.com.br

ABSTRACT

Objective: to assess the incidence and associated factors to subsequent pregnancy among adolescents.

Methodology: Adolescent that were attended at an unit at the Teaching Hospital Assis Chateaubriand from the Federal University of Ceará was followed-up over a five-year period. We examined the incidence of repeat pregnancy during the study period and factors related to repeated pregnancy.

Results: Most became pregnant again (61%) in the five-year period that followed their first pregnancy, often with another partner. Age group, enrollment in school, working or living with parents did not protect against a subsequent pregnancy. However, those having 8 or less years of schooling (elementary school) were more likely to have a new pregnancy than those from high school level (relative risk [RR] = 1,89). Adolescents who were married or lived with a partner were less likely to become pregnant again than those who had a boyfriend like those who reported they were with a different partner (RR = 1,4).

Conclusion: repeated pregnancies were related to schooling level and to new partners and unstable unions.

Keywords: Adolescent; Pregnancy; Sexuality; Contraception and sex education.

Introdução

Apesar de ser difícil generalizar sobre conduta sexual e reprodutiva na adolescência pesquisas realizadas em diferentes países têm verificado a interferência de distintos fatores no aumento da fecundidade nesta população, destacando-se a iniciação sexual precoce associada ao desconhecimento sobre saúde reprodutiva e a pouca utilização de contraceptivos, seja por falta de orientação da família e da escola, seja pela ineficiência de serviços de planejamento familiar (Costa, Souza, 2002).

Nos EUA, os índices de gravidez na adolescência estão crescendo assustadoramente. De acordo com estatísticas locais, de 1975 a 1989 a porcentagem dos nascimentos de filhos de adolescentes solteiras aumentou 74,4%. Em 1990, os partos de mães adolescentes representaram 12,5% de todos os nascimentos no país (Brasil, 2000).

No Brasil, a cada ano, cerca de 20% das crianças que nascem são filhas de adolescentes, o que representa o triplo dessas ocorrências na década de 70

(Correa, 2003). A Pesquisa Nacional em Demografia e Saúde, realizada em 1996, apontou que 14% das adolescentes já tinham, pelo menos, um filho e as jovens mais pobres apresentavam fecundidade dez vezes maior (Bruno, 2002).

Entre as garotas grávidas atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), no período de 1993 a 1998, houve aumento de 31% dos casos de meninas grávidas entre 10 e 14 anos (Brasil, 2000).

Esses dados se reproduzem quando analisamos estatísticas de outras regiões do país, inclusive aquelas mais desenvolvidas. Assad e Azevedo revelam prevalência da gravidez na adolescência em torno de 16% e 23 %, respectivamente para as cidades de São Bernardo do Campo e Londrina (Assad, Maciel, Franzon, 2002; Azevedo, Gomes, Duarte, 2002). O maior drama reside nos incontáveis casos de morte materna em adolescentes de baixa renda, resultantes do recurso ao abortamento por auto-manipulação ou abortamento clandestino. O coeficiente de mortalidade decorrente do aborto é 2,5 vezes maior em menores de 20 anos (Galletta, Zugaib, 2005).

A Organização Mundial da Saúde considera a gravidez na adolescência como gestação de risco. As grandes dificuldades encontradas na análise de trabalhos publicados na literatura nacional e internacional consistem em atribuir um possível pior desempenho obstétrico e repercussões sobre o recém-nascido simplesmente à idade materna, com um cortejo de situações de risco como: pobreza, baixa escolaridade, falta de assistência pré-natal adequada, entre outras (Neves Filho, 2002).

O conhecimento dos fatores relacionados à gravidez na adolescência dentro de cada realidade social pode se constituir num importante caminho para a implementação de medidas que possam modificar esse quadro e favorecer ao exercício pleno e saudável da sexualidade desses adolescentes.

O presente estudo tem como objetivo avaliar a reincidência da gravidez em adolescentes primigestas, num período de cinco anos após o parto, e fatores relacionados a uma nova gestação, neste período.

Metodologia

Trata-se de um estudo longitudinal, realizado em dois momentos da vida de uma coorte de adolescente. Um grupo de 187 adolescentes grávidas, atendidas no Serviço de Adolescentes da Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC) em 1999, responderam a uma entrevista por ocasião da consulta

inicial no pré-natal, através de um questionário estruturado. Cinco anos após o parto, as adolescentes foram novamente entrevistadas, e indagadas, entre outras questões, sobre a ocorrência de nova gestação. O período do estudo foi de setembro de 1999 a agosto de 2004. Neste grupo, foram analisados fatores relevantes na repetição da gravidez, tendo como critérios de inclusão para a primeira entrevista: ter 18 anos ou menos, estar grávida pela primeira vez, residir na grande Fortaleza, assinar consentimento para participar da pesquisa. Os dados foram digitados e analisados no programa EPI-INFO e SPSS.

Foram feitas análises estatísticas das variáveis independentes (estudar, trabalhar, morar com os pais, estado civil, e mudança de parceiro) e comparadas quanto à variável dependente (ter ou não, uma nova gravidez, cinco anos após). Utilizou-se o teste exato de Fisher para avaliar associação entre os fatores que poderiam influenciar na repetição da gravidez, considerado como tendo associação quando o $p < 0,05$. Foram calculados os riscos relativos para a escolaridade, condição marital e mudança de parceiro, por serem fatores que se mostraram mais significativos para a reincidência de gravidez.

O estado civil foi dividido em casada ou morando juntos; solteira com companheiro fixo, ou seja, aquela paciente que tem namorado, mas não moram juntos; e a solteira sem companheiro fixo, tem atividade sexual porém sem namorado fixo.

Resultados

Na pesquisa realizada com as 187 adolescentes assistidas no Serviço de Adolescentes da Maternidade Escola Assis Chateaubriand, no período de setembro de 1999 a agosto de 2004, 29% eram adolescentes precoce, menores de 16 anos (Tabela 1).

Analisando a incidência de nova gestação após cinco anos do primeiro parto constatou-se que 61% delas (114) voltaram a engravidar nesse período, o mesmo não acontecendo com 39% (73). Das que engravidaram 40% tiveram mais que uma gravidez no período de estudo (Tabela 2).

Não houve associação entre o fato da paciente estar estudando, trabalhando ou morando com os pais e ter engravidado novamente. $p > 0,05$ em todas as condições (Tabela 3).

Entre os fatores que se associaram com uma ou mais gestações no período de cinco anos encontramos o grau de escolaridade naquela ocasião como um dos mais fortemente relacionados. A Tabela 4 mostra que a possibilidade de engravidar novamente no grupo de mais baixa escolaridade chega a ser quase duas vezes maior (89%) que o de maior escolaridade, com um intervalo de confiança de 1,37 a 2,60.

Também se observou associação entre a condição marital das pacientes e o fato de terem engravidado novamente. Aquelas que estavam casadas, ou morando com o companheiro, se preveniram mais de uma nova gestação, enquanto que aquelas solteiras com companheiro, ou seja, estavam namorando porém não moravam junto, engravidaram mais. O risco de uma nova gravidez após cinco anos nas adolescentes sem união estável é de 1,37 – quase 40% maior (Tabela 5). Não foram incluídas na análise as 25 pacientes que não tinham companheiro, no momento da entrevista.

As pacientes que mudaram de companheiro engravidaram mais. O risco de ter nova gravidez quando a adolescente tem um novo parceiro, também é 1,4 vezes maior (40%) do que quando permanece com o mesmo companheiro, pai de seu primeiro filho (Tabela 6). Não foram interrogadas sobre mudanças de parceiros as 25 pacientes que não tinham companheiro, no momento da entrevista.

Discussão

O estudo nos mostra uma alta incidência de nova gestação após cinco anos da primeira gravidez. Além disso, grande parte dessas adolescentes tinha engravidado mais que uma vez neste período. Nossos dados superam os referidos por outros autores que têm relatado uma taxa de reincidência da gravidez na adolescência de cerca de 50 % (Zabin, 2001).

Alguns aspectos a serem considerados são as condições econômicas e sociais dessas adolescentes. Tomando a escolaridade como exemplo, vimos que mais que 60 % das adolescentes já não estudavam e mesmo das que ainda estavam estudando a maioria tinha muito baixa escolaridade. Este fator deve certamente ter contribuído para a primeira gravidez e não se constituiu num fator de grande proteção para uma nova gestação, uma vez que somente 35,8 % delas estava cursando o segundo grau após cinco anos. Além disso, aumentou o percentual de adolescentes fora da escola após cinco anos, o que tem sido relatado como uma das conseqüências desfavoráveis da gravidez

na adolescência. Para Menezes (2002), a vivência da gravidez adolescente no contexto de vida das jovens das classes populares reforça o processo de exclusão social, bem como a exclusão social, pela falta de outros projetos, interfere para a gravidez na adolescência.

Para Bruno (2002), uma das conseqüências mais sérias da gravidez na adolescência é a evasão escolar. Segundo a autora, com o nível educacional menor, as mães adolescentes têm menor chances de bons trabalhos e mais dificuldade de conseguir emprego e nele se manter. Dessa forma, a falta de estudo concorrerá significativamente para comprometer o bem-estar e a condição econômica das adolescentes que engravidaram e isto se agrava quando há reincidência de gravidezes, aumentando o número de filhos e as responsabilidades destas mães ainda imaturas.

Um dos aspectos que merece ser mais bem estudado no contexto desse trabalho é a questão da escolaridade dessas adolescentes. Nos últimos anos, no estado do Ceará, tem sido feito grande esforço no sentido de garantir acesso ao ensino fundamental a todas as crianças e adolescentes do estado. É incompreensível, portanto, os índices de escolaridade encontrados nesse grupo de adolescentes, considerando, ainda mais, que todas são residentes em Fortaleza, onde são maiores as ofertas de escolas públicas. Segundo dados do relatório da UNICEF de 2001 a taxa de evasão do ensino fundamental no Ceará estava em torno de 4 %, muito inferior, portanto, ao encontrado neste grupo de adolescentes. Dessa forma é possível acreditar que as populações de condições socioeconômicas desfavoráveis, tais como grande parte da juventude nordestina, vive num contexto de exclusão social que compromete a educação, a auto-estima e a autonomia de vida e que, certamente, reflete no exercício da sexualidade. A gravidez precoce e a reincidência da gravidez são, possivelmente, algumas das conseqüências desse panorama social.

As adolescentes que engravidam prematuramente, geralmente, são forçadas a dar um novo rumo às suas vidas, deixando de morar com os pais, abandonando a escola e, em muitos casos, engravidando de um novo parceiro. Este fato fica bem demonstrado quando se constata que um terço das adolescentes na segunda entrevista tinham um novo parceiro. Este fato chama à atenção, uma vez que se demonstrou uma incidência bem maior de uma nova gestação neste grupo, quando comparado com aquele das adolescentes que não trocaram de parceiro. O comportamento das adolescentes se constituiu numa condição de risco para reincidência da gravidez, aumentando em cerca de 40 % esta chance.

Também observamos que, quando as adolescentes estão casadas ou morando com o companheiro há menor incidência de uma nova gravidez, se constituindo, portanto, num fator de proteção para nova gestação. É provável que, pelo fato de não estarem morando com o companheiro e terem relações menos frequentes, não sintam necessidade de medidas adequadas de controle da contracepção. Lamentavelmente, um terço da população estudada permanece nessa condição de risco, o que se assemelha a outras estatísticas do país (Turolla e Stolai, 2002).

Conclusão

O presente estudo revela uma elevada reincidência de novas gestações em adolescentes com condições sócio-econômicas desfavoráveis do nosso meio, sugerindo que a baixa escolaridade, as relações conjugais instáveis e a mudança de parceiro sexual constituem importantes fatores de risco.

Dessa forma, ressalta-se a importância de programas assistenciais voltados à conscientização dos adolescentes, abrangendo a educação sexual, a formação de adolescentes multiplicadores, e acesso aos serviços de planejamento sexual e reprodutivo.

Para a construção de programas educativos é importante que se considerem aspectos culturais subjetivos e se observe que as adolescentes estão inseridas em um contexto dinâmico onde múltiplos fatores interagem. Realizar ponderações e dar novos direcionamentos a essas práticas educativas em saúde é contribuir, realmente, para o resgate da cidadania das jovens e para a sua emancipação.

Referências bibliográficas

ASSAD, M.; MACIEL, M.; FRANZON, A. *Caracterização das mães adolescentes do município de Londrina – Paraná no período de 1994 a 2000* – Anais do II Congresso de Adolescência do Cone Sul – Londrina, Agosto de 2002.

AZEVEDO, M. R; GOMES A; DUARTE, C. *Gravidez na adolescência em São Bernardo do Campo* – Anais do II Congresso de Adolescência do Cone Sul – Londrina, Agosto de 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Gravidez na Adolescência – 2000*. Saúde da Mulher. Disponível em: <http://www.sof.org.Br/saude/dados.html>.

BRUNO, Z.V; COSTA, M.C.O; CAMPOS, I; LYRA, J. Maternidade e paternidade. In: COSTA, M.C.O; SOUZA, R.P *Adolescência: aspectos clínicos e psicossociais*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CORREA, H. Aspectos Sócio-demográficos sobre a Maternidade na Adolescência: O Contexto Brasileiro. *Femina*. V.31, n.8, p. 691-695,2003.

COSTA, M.C.O; SOUZA, R.P. *Adolescência: aspectos clínicos e psicológicos*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GALETTA, M.A; ZUBAIB, M. O. O Risco Obstétrico da Gravidez na adolescência. *Revista da SOGIA*. v.2, n. 6. p 12 – 14, 2005.

HENRIQUE, H. *Manual para educadores comunitários em AIDS*.MS: Programa Nacional de DST/AIDS, 2002.

MENEZES, V. – *Gravidez na adolescência e exclusão social* – Anais do II Congresso de Adolescência do Cone Sul – Londrina, Agosto de 2002.

NEVES FILHO, A.C. Perfil das Gestantes Atendidas na Maternidade Escola Assis Chateaubriand e Associação entre idade materna e baixo peso ao nascer. Dissertação (mestrado). Faculdade de Medicina. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – Ce, 2002.

TUROLLA, M.; STOLAI, B. ET. COL. – *Mãe adolescente – Aspectos sociais após a gravidez* – Anais do II Congresso de Adolescência do Cone Sul – Londrina, Agosto de 2002.

UNICEF – Situação da infância Brasileira – Unicef – Brasília, 2001

ZABIN, L. S. Impacto da gravidez na adolescência: avaliação após três anos após o parto. In: VALE, J.R.A. *et al. Nas pegadas da juventude: estudos e pesquisas sobre adolescentes no Ceará*. Fortaleza: Momentum, 2001.

ANEXO

Tabela 1 – Distribuição das adolescentes grávidas por faixa de idade da primeira gravidez.

IDADE (anos)	NÚMERO	%
12 a 15	54	29 %
16 a 18	133	71 %
Total	187	100,0%
Média = 16 anos (DP – 1.2 anos)	---	---

Fonte: MEAC (setembro de 1999)

Tabela 2 – Incidência de nova gestação no período de cinco anos após o primeiro parto.

Nova Gravidez	No	%
– Uma gestação	68	60 do subtotal
– Mais de uma gestação	46	40 do subtotal
Sub-total	114	61
Não	73	39
TOTAL	187	100

Fonte: MEAC (setembro de 1999 a agosto de 2004)

Tabela 3 – Fatores que poderiam influenciar na reincidência de gravidez na adolescência, no período de cinco anos.

Fatores que poderiam influenciar a reincidência de gravidez	Engravidaram novamente no período de cinco anos					
	SIM		NÃO		TOTAL	
	No.	%	No.	%	No.	%
Faixa etária						
12-15	37	67,3	18	32,7	55	29,4
16-18	77	58,3	55	41,7	132	70,6
Estudar						
NÃO	82	64,3	46	35,7	124	68,4
SIM	32	57,1	27	42,9	63	31,6
Trabalhar						
NÃO	78	64,8	44	35,2	120	65,2
SIM	36	56,7	29	43,3	67	34,8
Mora com os pais						
NÃO	77	61,5	48	38,5	125	66,8
SIM	37	62,9	25	37,1	62	33,2

p> 0,05

Tabela 4 – Análise da associação entre grau de escolaridade e engravidar novamente após cinco anos.

ESCOLARIDADE	Engravidaram novamente no período de cinco anos					
	SIM		NÃO		TOTAL	
	No.	%	No.	%	No.	%
Até 8 anos	88	73,3	32	26,7	120	64,2
Mais que 8 anos	26	38,8	41	61,2	67	35,8
TOTAL	114		73			

Risco relativo = 1,89 (Intervalo de Confiança = 1,37 – 2,60), * $p < 0,000003$.

Tabela 5 – Condição marital no momento da entrevista, cinco anos após o primeiro parto e sua relação com a gravidez subsequente.

Estado civil no momento da entrevista	Engravidaram novamente no período de cinco anos					
	SIM		NÃO		TOTAL	
	No.	%	No.	%	No.	%
Solteira com comp.	28	82,4	06	17,6	34	100
Casada/mora junto	77	60,2	51	39,8	128	100

Risco relativo = 1.37 (Intervalo de Confiança = 1,11 – 1,69), $P < 0,01$

Tabela 6 – Mudança de parceiro, nos cinco anos após o parto e sua associação com uma nova gestação.

Companheiro atual	Engravidaram novamente no período de cinco anos					
	SIM		NÃO		TOTAL	
	No.	%	No.	%	No.	%
Novo companheiro	41	80,4	10	19,6	51	100
Mesmo companheiro	64	57,7	47	42,3	111	100

$P < 0,05$, Risco relativo = 1,4 (Intervalo de confiança 1,1 – 1,7)